

Lideranças políticas: representações de atentados e assassinatos no cinema norte-americano¹

Vera Lucia Michalany Chaia²

Resumo: O presente artigo foca na construção e na disseminação da imagem do poder, por meio dos personagens que representam as figuras dos presidentes nos Estados Unidos da América. A análise se dá por meio de filmes que apresentam atentados e assassinatos dos presidentes norte-americanos. Na nossa avaliação, existe uma relação ambígua de amor e ódio presente nos filmes produzidos nos EUA sobre essa temática. A produção cinematográfica americana privilegia filmes de ação, prevalecendo o espetáculo e não a reflexão. O heroísmo do presidente, os embates entre os bons políticos e o “bandido”, o mocinho e o “terrorista” é ressaltado nos filmes, prevalecendo uma visão maniqueísta da política.

Palavras-chaves: Liderança Política, Cinema, Estados Unidos da América, Assassinatos, Presidentes.

Political Leadership: Representations of Attacks and Murders in American Cinema

Abstract: *The article should focus on the construction and dissemination of the image of power through the characters that represent the figures of presidents in the*

1 Pesquisa financiada pelo CNPq – Bolsa Produtividade em Pesquisa (PQ).

2 Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP) – pesquisadora do CNPq – São Paulo – Brasil – vmchaia@pucsp.br

United States. The analysis will be made from the films that feature the bombings and assassinations of presidents Americans. In our assessment there is an ambiguous relationship, love and hatred that is present in the films produced in the U.S. on this issue. The heroism of the president, the clashes between the political and the good 'bandit', the good guy and the 'terrorist' is highlighted in the film, whichever Manichean vision of politics.

Keywords: *Political Leaders, Cinema, United State of America, Murders, Presidents.*

Este artigo pretende focar na construção e na disseminação da imagem do poder por meio dos personagens que representam, no cinema, as figuras dos presidentes nos Estados Unidos da América em atentados e assassinatos. A análise é feita com base em filmes que apresentam ficcionalmente a figura do chefe do Executivo. Busca-se, com essa abordagem, ampliar os vínculos entre imagem e política e os limites da interpretação política.

Por que estudar a problemática imagem e poder? Quais as possibilidades de análise da construção da imagem das lideranças políticas que ocupam e/ou ocuparam cargos executivos nos Estados Unidos? Por que há tantos filmes que trabalham com atentados e morte dos presidentes?

Portanto, o culto à personalidade – enquanto produto da sociedade contemporânea e da sociedade do espetáculo –, acrescido ao modelo do presidencialismo, que atribui poderes especiais à autoridade, contribuiu para a exaltação dessas lideranças como super-heróis, “políticos acima de qualquer suspeita”.

Neste artigo, são analisados os seguintes filmes: *A morte de George W. Bush* (direção: Gabriel Range, 2006, Inglaterra); *O assassinato de Richard Nixon* (direção: Niels Mueller, 2004, EUA/México); *Força Aérea Um* (direção: Wolfgang Petersen, 1997, EUA). Além do filme *JFK – a pergunta que não quer calar*, (direção: Oliver Stone, 1991, EUA) – filme que reconstrói o assassinato de John Kennedy. Os filmes escolhidos para análise, também trabalham com a temática do medo, da apreensão, da expectativa, e com a espetacularização das ações e atuações, visto envolver atentados, assassinatos e atos terroristas contra o governante.

Segundo Vieira (2007:225), que estuda o medo no cinema:

[...] o medo é uma forma de estímulo positivo no sentido de nos colocar sempre em estado de alerta, em geral associado à sobrevivência diante da possibilidade concreta da morte. O corpo, em sua finitude natural ou diante de agressões que ameaçam sua integridade física, atrai todo o nosso

interesse nos processos de antropomorfização negociados pela identificação entre uma plateia e a ficção audiovisual encenada.

Com relação à definição de terrorismo, existe uma produção expressiva. Para não dispersar o que se objetiva analisar aqui, nos limitamos a caracterizar o terrorismo da seguinte forma:

O ato terrorista é definido quando uma pessoa ilegalmente e intencionalmente causar ou ameaçar causar violência por meio de armas de fogo, explosivos e quaisquer outros mecanismos letais ou substâncias perigosas, que resulte, ou possivelmente resulte, na morte ou ferimento de uma pessoa ou grupo de pessoa ou sérios danos a propriedade – seja de uso público, um órgão governamental, sistema de transporte público ou parte da infraestrutura. Atos de terrorismo também incluem a tentativa de tal pessoa cometer tal crime, ou em organizar ou direcionar outros a cometer tal ato, ou em contribuir para a realização do ato³ (Nicoletti, 2006:86).

Portanto, “o êxito do ato terrorista, enquanto violência qualitativa, reside nas estratégias da ação pontual: o ‘atentado’ concentra-se em um ponto limitado no tempo e no espaço, apanhando de surpresa a multidão anônima e passante, podendo ser praticado pelos indivíduos dessa mesma população” (Wellausen, 2002:88). “A principal característica desse terrorismo é que ele ataca, sobretudo, os civis. Eles querem o maior número de mortos e a maior visibilidade possível. É muito difícil se proteger desse tipo de ataque” (Maxwell, 2002:19).

Na política contemporânea, o 11 de setembro de 2001 foi uma data histórica para se discutir a problemática do terrorismo e do medo. A adoção de políticas antiterror acentuou-se após essa data, e o uso do medo como estratégia para controlar e dirigir povos e nações foi incrementado como arma política para justificar atos de terrorismo do Estado.

O medo está presente em vários momentos de nossa vida, seja ao assistirmos filmes de terror e suspense, seja ao vivenciarmos situações no cotidiano que nos impulsionam a enfrentá-lo, sendo possível, inclusive, fabricá-lo por meio de um sistema político e/ou cria-lo para estimular e impulsionar a obediência dos cidadãos em determinadas sociedades. É nesse sentido que se deve analisar a mídia enquanto produtora de conhecimentos e geradora de construções sociais que trabalham com a ideia do medo, por meio de representações sociais que

3 CENTER FOR NONPROLIFERATION STUDIES. Draft Comprehensive Convention on International Terrorism. Disponível em: <<https://www.nti.org/learn/treaties-and-regimes/international-convention-suppression-acts-nuclear-terrorism/>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

estimulam esse sentimento, seja na programação diária, seja nos telejornais e no tipo de cobertura jornalística realizados por esses meios (Chaia, 2011:73).

O cineasta americano Michael Moore discute e problematiza, em seus documentários, a temática do medo. Exemplo disso é o filme *Tiros em Columbine* (2002), no qual Moore:

Investiga a fascinação dos americanos pelas armas de fogo [...], questiona a origem dessa cultura bélica e busca respostas visitando pequenas cidades dos Estados Unidos, onde a maior parte dos moradores guarda uma arma em casa. Entre essas cidades está Littleton, no Colorado, onde fica o colégio Columbine. Lá os adolescentes Dylan Klebold e Eric Harris pegaram as armas dos pais e mataram 14 estudantes e um professor no refeitório. (Adorocinema)⁴

Barry Glassner, sociólogo americano que escreveu *Cultura do medo* (Glassner, 2003), serviu de guia para Moore realizar essa película.

A disseminação do medo influencia o comportamento dos cidadãos e dita políticas de segurança, na avaliação de Glassner. Por que os americanos andam com tanto medo? Uma explicação popular responsabiliza a mídia jornalística, que dissemina esse medo. Outra possível explicação é a facilidade de se obter armas – que, de acordo com a Segunda Emenda da Constituição dos Estados Unidos, as pessoas possuem o direito de portar armas para sua proteção, desde que sempre as usem dentro da lei. “No discurso público, os medos proliferam por meio de um processo de troca. A cultura do medo cresce cada vez mais por meio de correntes de temores e contratemores” (Glassner, 2003:39).

Outro filme de Moore – *Fahrenheit 11 de setembro* (2004) – tem como objetivo desconstruir a imagem política de George W. Bush e enfrentar a estratégia política baseada na cultura do medo, traçada pelo governo desse ex-presidente para enfrentar o terrorismo pós 11 de setembro de 2001. O filme faz uso do humor e de um arquivo de imagens para revelar o que se passou no governo Bush antes, durante e depois dos atentados às Torres Gêmeas em Nova York (Chaia, 2011:86-87).

Mesmo antes do atentado às Torres Gêmeas, a produção cinematográfica americana já pregava a guerra contra o terrorismo e apresentava filmes com atentados contra os presidentes americanos, ao exemplo, os filmes: *JFK – a pergunta que não quer calar*, produzido em 1991, e *Força Aérea Um*, em 1997.

4 Disponível em: <www.adorocinema.com/filmes/bowling-for-columbine>. Acesso em: 23 mar. 2020.

Quanto aos procedimentos metodológicos e de pesquisa, realizamos a análise interna dos filmes selecionados, a análise histórica da trajetória das lideranças retratadas, bem como a análise das questões institucionais, do comportamento político e da comunicação política no período abordado. Além da vinculação orgânica entre a análise interna dos filmes e a situação político-cultural da época retratada.

Análise dos filmes

O assassinato de Richard Nixon (Direção: Niels Mueller, 2004, EUA/México):

Sinopse: “Samuel J. Bicke é um homem desempregado e recém-divorciado. O ano é 1974 e, após muito pensar, ele chega à conclusão de que o culpado por todos os seus problemas, inclusive os de relacionamento, é o governo dos Estados Unidos, mais exatamente o presidente Richard Nixon. Frustrado e sem esperança, Samuel decide então planejar o assassinato de Nixon como forma de se vingar”. (Adorocinema)⁵

Os letreiros do filme acompanham, ao fundo, a imagem do presidente Richard Nixon discursando. Não se ouve a sua fala, mas acompanhamos os gestos em câmera lenta. Em seguida, ouvimos a fala de Nixon em uma gravação feita quando renunciou à presidência, depois do escândalo do Watergate. A televisão desempenha um papel importante no filme, pois é, por meio das imagens e/ou da fala do presidente Richard Nixon, que o espectador compreende o período e os problemas que circundam a conjuntura política nos Estados Unidos da época.

Cena em que Samuel se barbeia no carro, retira um revólver do porta-luvas e se dirige ao aeroporto de Baltimore, no dia 22 de fevereiro de 1974. O filme faz um *flashback* e nos mostra o disco de Leonard Bernstein sendo ouvido por Samuel, que manifesta sua admiração pelo maestro e compositor e deseja que Bernstein fale ao mundo quem era ele. Para tanto, faz reflexões e deixa sua mensagem em um gravador:

Sr Bernstein,

Tenho o maior respeito pelo senhor. Sua música é pura e sincera. É por isso que o escolhi para apresentar ao mundo a verdade sobre mim. Meu nome é Sam Bicke e eu me considero um grão de areia. Nesta praia chamada América... existem 211 milhões de grãos de areia... 3 bilhões na praia que

5 Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52407/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

chamamos Terra. Se eu tiver sorte, o ato que estou prestes a empreender mostrará aos poderosos que até mesmo o mais insignificante grão de areia tem em si o poder de destruí-los. Sr. Bernstein, em muitos momentos eu me senti sozinho neste planeta. É o que eles querem, não é? Sozinhos, divididos, fracos. O que houve, Sr. Bernstein, com a terra da fartura, onde há fartura para poucos e nada para muitos? Esse é o sonho americano? Explique uma coisa, Sr. Bernstein, eu só quero uma fatia do sonho americano, como o meu pai e o pai dele. É esperar demais? Nosso país é bom, maestro, com um povo decente. Mas o que é decente nos dias de hoje? Sr. Bernstein, tem gente que espera sentada a vida toda por um sonho que nunca irá se realizar. São ovelhas. Mas há muitos outros como nós, maestro, que não se deixam escravizar. Querer independência é querer demais, Sr. Bernstein? Como o senhor não tem chefe, não faz ideia de como é trabalhar para alguém feito um escravo. Saiba que a escravidão nunca acabou neste país. Só recebeu um novo nome: emprego. Quando era guri aprendi a ser educado, Sr. Bernstein, mas o que faço com pessoas que não me respeitam? Quem são esses homens, maestro, que nos mantêm à espera aos seus pés? Os fracos não herdarão a terra. Ela pertence aos covardes que só se importam em chegar ao topo, seja de que forma for. Eu sou honesto e, se isso me destruir, que seja. Mas não vou ficar calado. Peço que conte a eles, maestro, que eu estava nervoso, que ao contrário dos poderosos, eu não tinha a arrogância de acreditar que meus atos eram virtuosos. A certeza é o mal dos reis, maestro. E Sam Bicke era muitas coisas, mas não era rei. Ele só queria mudar o mundo, acabar com as mentiras. E mirou alto. Nenhuma lâmpada se acendeu. Foi mais como uma vela antiga, só uma ideia simples. Mas, naquele momento, Sr. Bernstein, eu sabia que o destino estava traçado. É uma pena que vidas inocentes sejam sacrificadas, maestro. Eu me esforcei para evitar o máximo de mortes, mesmo que isso não seja fácil. Se a história nos ensinou algo é que é preciso pegar o líder do governo. Derrubar o chefe da cadeira e deixar o sistema por um fio até ele se sufocar. Destruir o líder do governo é conseguir uma mudança de verdade. E eu vou fazer isso.

No avião, Sam fala mentalmente: Olhe para mim maestro: eu estou rindo? Conte por que fiz isso. A História precisa saber. Podem reconstruir a Casa Branca, mas nunca irão me esquecer. Nunca! Só eu estive aqui, maestro. Eu fiz isso. E um homem só é lembrado pela sua obra. Diga isso a eles.

De imediato o filme aponta para uma visão crítica da vida e da sociedade americana. As dúvidas sobre as possibilidades sociais e políticas transparecem

quando o protagonista reconhece a polarização entre ricos e pobres e a falta de solidariedade existente na América do Norte, onde prevalece o individualismo e a solidão.

Sam é vendedor em uma loja de móveis de escritório e enfrenta problemas com o seu chefe. Cena em que aparece Nixon discursando e o chefe comenta com Sam, em um bar, que Nixon é o maior vendedor do mundo, pois promete e não entrega. Sam ganha do seu chefe livros e fitas-cassete de autoajuda para adquirir confiança e se transformar em um excelente vendedor.

Sam é brigado com o irmão, que possui uma grande loja de venda de carros e acessórios. Ele visita um amigo que possui uma oficina mecânica; visita sua ex-mulher, Marie, e seus filhos. Retorna no domingo, conforme a solicitação da ex-mulher, mas não encontra ninguém em casa. Fica aguardando a ex-mulher retornar, que chega acompanhada dos filhos e de um homem, que a beija na despedida. Sam vai a um bar encontrar Marie, que é garçonete.

Sempre aparece ao fundo uma televisão ligada e Nixon discursando. A América de Nixon é a sociedade da videopolítica, centrada na emissão e recepção dos programas televisivos em abundância. Conforme Sartori (1998), a televisão empobrece o aparelho cognitivo do homem, modificando radicalmente o *Homo sapiens* – produto da cultura escrita – em *Homo videns* – produto da imagem. Para o autor, o ato de telever tem modificado a natureza do homem. A vida política é permeada pela televisão, enquanto meio hegemônico que constrói e publiciza a imagem do governante.

Ele visita a sede do grupo político Black Power Party, após ver na televisão a entrevista com um dos líderes do movimento, David Hilliard. É recebido com desconfiança por um dos membros do movimento e comenta que ele, Sam, concorda com as afirmações e propostas do grupo, embora fosse branco. Sugere que os Black Panthers se transformem em Zebras, que são brancas e pretas, para ampliar os simpatizantes do movimento.

Seu chefe o chama para dizer que ele não está indo bem no trabalho e ordena que tire o bigode. Sam não quer, pois deixou o bigode crescer por causa da ex-mulher. Ele janta com a família de seu amigo Bonny. Novamente vemos Nixon na televisão, dançando no casamento de sua filha.

Cenas recorrentes – Sam bate o ponto (às 17h) de seu emprego, abre a caixa do correio de sua casa, esperando uma resposta de seu pedido de empréstimo, janta e assiste televisão, na qual Nixon está sempre nos noticiários. Cada vez ele sai mais cedo do trabalho e verifica em sua caixa se chegou alguma carta.

Sam visita seu amigo na oficina e presencia um cliente xingando e falando mal dos serviços de Bonny. Ele vê uma arma na gaveta e aponta para o cliente

raivoso. O mecânico conserta o carro, volta para seu escritório e briga com Sam. Mas depois tudo fica bem.

Sam recebe pelo correio uma certidão de divórcio de sua ex-mulher. Tenta se comunicar com Marie e encontrá-la e consegue falar com ela em outro telefone, de madrugada. Depois chora. Em um confronto com seu chefe, fala que está saindo do emprego.

Acompanhamos entrevistas com Nixon pela televisão, e Sam o chama de “canalha”.

Invade a empresa do irmão que vende carros e pneus.

A decadência física e a deterioração mental se evidenciam. Ele está obcecado pela carta que não chega. Chega uma carta, mas seu conteúdo não é esclarecido. O aluguel de seu apartamento está atrasado, porque Sam está desempregado. Ao abrir a porta de sua casa, encontra o irmão esperando, que o acusa de ter roubado pneus e mandado entregar na oficina de Bonny. Julius, seu irmão, rompe com Sam e sai do apartamento.

Os problemas pessoais e também aqueles encontrados na esfera do trabalho desencadeiam questionamentos que conduzem o personagem a situar Nixon como o símbolo que melhor expressa os desastres existenciais e sociais. O mal estar encontra sua explicação na figura centralizadora da esfera política.

Assiste na televisão o caso do soldado que pousou de helicóptero nos jardins da Casa Branca.

Sam se prepara para o atentado: compra gasolina, ferramentas e um revólver. Prepara-se para sair, pronto para assassinar o presidente Nixon. Ele ensaia todos os passos que dará para conseguir um avião e, assim, invadir a Casa Branca. Para tanto, constrói uma maquete da Casa Branca. Ele rouba a arma de Bonny.

Chega ao aeroporto e coloca várias cartas na caixa do correio, inclusive a carta para o maestro Leonard Bernstein, com uma fita de suas impressões. Depois, invade o avião, mas antes atira em uma funcionária e, no avião, mata o copiloto e atira no piloto. Ao ser atingido, ele aponta a arma para a sua cabeça. A cena final do filme termina com Sam em seu apartamento vazio, correndo pela casa com um avião de brinquedo.

O aspecto mais importante e impactante do filme é a mensagem que Samuel deixa para Leonard Bernstein. Nessa mensagem, o protagonista descreve o clima político daquele período nos EUA e fala em resistência e autonomia. Ele acredita que o grande culpado de tudo de ruim que estava acontecendo em seu país e em sua vida pessoal era o governo Nixon e que somente a morte deste resolveria os problemas vivenciados por ele.

O desempenho de Sean Penn no papel de protagonista é exemplar, pois o ator se transfigura de um homem aparentemente bonzinho, obediente e racional em um homem que sofre uma decadência física e mental. Somente na mensagem deixada para Leonard Bernstein que compreendemos o gesto de Samuel J. Bicke.

Após construir uma consciência centrada na culpabilidade do governante, Samuel tem aflorado o sentimento da vingança. O homem hobbesiano (Hobbes, 1974), que não abdica de seu poder executivo individual se lança no projeto de assassinar o responsável pelas crises que abalam a vida pessoal e coletiva.

JFK – a pergunta que não quer calar (Direção: Oliver Stone, 1991, EUA):

Sinopse: O promotor de Nova Orleans, Jim Garrison (Kevin Costner), não está convencido do parecer final da Comissão Warren, que determinou que o Presidente John F. Kennedy foi assassinado por uma única pessoa. Para provar que a comissão estava errada, o advogado resolve investigar a existência de uma conspiração responsável pela morte do político. (Adorocinema)⁶

O filme de Oliver Stone foi baseado no livro *On the trail of the assassins*, de Jim Garrison. Inicia com uma retrospectiva sucinta, com imagens e a voz de um locutor falando da ascensão de Kennedy e da política externa americana.

Este filme aponta tanto para a construção de uma liderança política quanto retoma a significação da reconstrução da memória histórica. Trata-se da necessária prestação de contas acerca dos rumos da história. É necessário perceber e entender o sentido dos acontecimentos políticos para efetivamente compreender o significado de um ato político.

O discurso proferido pelo presidente Kennedy, em uma universidade americana, ressalta a necessidade da paz – imagens de vários momentos da vida de Kennedy são mostradas ao fundo, com o discurso em primeiro plano:

A que tipo de paz me refiro e que tipo de paz procuramos? Não é a paz americana imposta ao mundo pelas nossas armas. Devemos reavaliar nossa atitude em relação à União Soviética. Nosso elo mais básico e comum é que vivemos neste planeta. Todos respiramos o mesmo ar. Todos nos preocupamos com nossos filhos. E todos nós somos mortais.

O discurso termina e vemos um carro deixar uma mulher na beira da estrada. Ela comenta, já no hospital, que “eles” foram para Dallas e sussurra que eles

6 Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1417/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

vão matar o presidente Kennedy. Ela pede ajuda e os médicos comentam que a mulher está delirando.

O presidente Kennedy chega a Dallas com sua mulher, Jacqueline, no dia 22 de novembro de 1963, e realiza um percurso com carro nas ruas principais da cidade. O carro presidencial é precedido por uma equipe de batedores policiais e, no mesmo carro, o vice-presidente e sua mulher fazem parte da comitiva. Kennedy acena para a multidão. A imagem desaparece para dar lugar a um som de tiro de arma de fogo. A trágica cena do atentado aparece como um *flash*. As notícias do atentado e depois da morte de Kennedy já repercutem na imprensa nacional e internacional.

Cena do escritório do promotor público, Jim Garrison, em Nova Orleans, sendo avisado do atentado contra o presidente. Cena de um restaurante e pessoas assistindo atônitas ao noticiário. E imagens de gente chorando nas ruas.

Acompanhamos outras falas de americanos que celebraram a morte do presidente Kennedy e criticaram sua atuação no episódio da Baía dos Porcos, em Cuba. Um dos americanos, detetive particular (Martin), comenta com seu empregado (Jack) que Kennedy também fez mal em abrir a possibilidade de os negros votarem. Junto com católicos e judeus, o povo americano elegeu um irlandês.

A importância do filme decorre também da resistência em repor os significados das diferentes conjunturas políticas, expressas em conflitos, que permeiam naquele momento a história norte-americana, pois são estes fatos que permitem entender as razões que levam ao assassinato do presidente.

A polícia de Dallas prende um suspeito pelo assassinato do presidente chamado Lee Harvey Oswald. Acompanhamos as cenas pela televisão, em que ele é encontrado numa sala de cinema após, segundo a polícia, ter matado um policial em serviço. Lee Oswald, ao ser entrevistado pela imprensa, comenta que não matou o presidente e que é um bode expiatório, porque viveu na União Soviética.

O promotor assiste com a sua família ao noticiário da televisão e ouve o depoimento de Lee Oswald solicitando uma assistência legal para se defender das acusações. Ele também é acusado de ser marxista e de ser militante de Fidel.

Lee Oswald é morto quando estava sendo levado à delegacia. O assassino chamava-se Jack Ruby.

Cena do enterro de John Kennedy, mostrando sua mulher, os dois filhos, seu irmão Robert Kennedy e o vice Lyndon Johnson, agora presidente dos EUA.

O promotor, Jim Garrison, entrevista David Ferrie, que havia se encontrado com Lee Oswald antes do atentado que matou o presidente Kennedy. David diz

não conhecer Lee e é questionado pela sua presença em Dallas no dia seguinte ao assassinato do presidente. David conta uma história pouco verossímil, por isso é preso e interrogado pelo FBI, que o solta por não ver ligações nem com Lee Oswald, nem com seu assassinato.

Logo após a decisão de soltar David, anuncia-se a formação de uma comissão para o acompanhamento das investigações sobre o assassinato de John Kennedy.

Passam-se três anos, e o promotor ressurgue viajando de avião com o senador Long. Após essa conversa, o promotor se interessa em estudar o caso que resultou no assassinato do presidente Kennedy e se debruça nas falhas da averiguação da polícia de Dallas, da CIA e no depoimento de Oswald, contactando que ocorreram várias falhas jurídicas. Ele lê todos os depoimentos do Relatório Warren e percebe que algumas testemunhas foram ignoradas e que seus depoimentos foram deixados de lado para a conclusão do relatório.

Jim acredita que Lee Oswald aprendeu russo porque era da inteligência americana. Após a investigação, somos informados que o detetive particular Guy Banister era ex-agente do FBI e havia sido da Liga Anticomunista do Caribe. Ele treinava jovens para se infiltrarem em organizações radicais estudantis. O promotor visita o prédio onde o detetive tinha escritório em Nova Orleans e descobre que Lee Oswald frequentava o mesmo prédio, que tinha entradas diferentes por duas ruas. Em um momento anterior ao assassinato do presidente, Oswald foi entrevistado por um programa de televisão e disse ser marxista-leninista, mas não comunista.

Após essas descobertas, o promotor resolve voltar ao caso do assassinato de John Kennedy. Ele e sua equipe começam entrevistando Jack, amigo de Banister, que apanhou no dia do assassinato do presidente. Jack ainda fala com medo, mas comenta que o escritório de Banister era frequentado por cubanos e outras pessoas, como David Ferrie, que chegavam armados e chamavam essa ação de “Operação Mangusto”. A ideia era treinar cubanos que viviam nos EUA para invadir Cuba e derrubar Fidel Castro. Todos que faziam parte dessa operação eram da CIA. Kennedy mandou o FBI fechar esse campo de treinamento, pois não queria outra Baía dos Porcos. Oswald frequentava o escritório. Outro mandante, chamado Clay Bertrand, um homem grisalho, da sociedade de Nova Orleans, aparece no escritório de Banister e é bajulado pelo detetive, pois é o homem do dinheiro. Jack fica com medo e sai no meio da entrevista.

Estas passagens do filme desnudam a política como cenário de articulações e jogos de interesses distintos. A política é a esfera na qual se entrecruzam desde posições individuais até práticas partidárias.

O promotor almoça com o advogado indicado por Clay para defender Oswald e o entrevista. Ele não quer dizer nada sobre Clay Bertrand; levanta-se e vai embora.

O promotor vai à penitenciária se encontrar com um preso, Willie O'Keefe, que comenta ter conhecido Clay Bertrand em um bar de *gays*, levado por David Ferrie. Após esse encontro, ele foi a uma festa e conheceu Lee Oswald, na qual David comenta raivoso que precisavam matar Fidel Castro após um esvaziamento dos convidados. Outros convidados comentam que John Kennedy precisava ser assassinado devido à sua política externa de aproximação com a União Soviética. Queriam colocar um texano na presidência dos EUA. David retoma, em um lugar mais reservado, a conversa de matar Kennedy. Willie comenta:

Nixon seria um ótimo presidente, até Kennedy afundar o país. Os pretos lutam por seus direitos. Por que há tanto crime hoje?... Mas quando o mataram fiquei apavorado. Apavorado mesmo... o dia em que o filho da mãe morreu foi um grande dia para esse país. E foram culpar o idiota do Oswald. Ele não sabia de nada. O povo precisa saber. Precisa saber por que ele foi morto. Porque ele era comunista.

Jim janta em um restaurante com a sua equipe da Promotoria. Eles descobrem fotos de “vagabundos” presos (Oswald e outro homem bem vestido que foram para a delegacia e depois saíram). Duas testemunhas-chave do assassinato de Kennedy tinham morrido em circunstâncias estranhas. Lee Oswald foi para a União Soviética, episódio no qual se casara com uma russa, retornando aos EUA sem ter sido perturbado por nenhum Serviço Secreto e pela Inteligência Americana. Oswald vai para Dallas e frequenta a comunidade russa anticomunista. Sua mulher, Marina, afirma, depois do assassinato de Kennedy, que ela tinha certeza que Oswald havia matado o presidente, pois ele sempre fora violento.

A Promotoria de Nova Orleans entrevista vários dos depoentes da Comissão Warren, e todos afirmam que os tiros vieram de outro local, isentando de culpa Lee Oswald. Um nome que se destaca é de Jack Ruby.

Todo o mecanismo da investigação mostrada pelo filme demonstra a importância do sistema judiciário norte-americano, destacando a atuação da promotoria.

Toda a Promotoria chega à conclusão de que armaram para que Lee Oswald fosse considerado culpado do assassinato de Kennedy, inclusive fizeram uma montagem de foto com ele segurando um rifle.

Clay Bertrand é um nome falso. O nome verdadeiro é Clay Shaw, e Jim e sua equipe entrevistam Clay Shaw, mas este nega seu envolvimento e o de pessoas que frequentavam seu círculo pessoal.

A promotoria é acusada de gastar US\$ 8.000,00 em uma investigação para provar a conspiração na morte do presidente Kennedy. Os jornais estampam manchetes nos jornais, e repórteres e fotógrafos cercam a equipe da Promotoria.

Segundo David Ferrie, ele próprio, Clay Shaw e vários cubanos, além de Lee Oswald, eram todos da CIA. David, que estava apavorado e com medo de morrer, havia sido padre e fora expulso da Igreja por ser *gay*. O processo tinha sido reaberto, e aparecem jornalistas de todo o mundo para acompanhar os depoimentos. Encontram escutas em vários locais da Promotoria. Jim viaja para Washington. A Promotoria recebe um telefonema informando que David Ferrie fora encontrado morto em seu quarto. Outra possível testemunha citada por David é encontrada morta, por assassinato.

Um membro do FBI conversa com um dos auxiliares da Promotoria. Jim, em Washington, tem uma conversa secreta com um homem, que não se identifica. Este comenta que já fez parte do serviço secreto e que trabalhou para o Pentágono como militar. Diz que ajudou a derrubar vários governos em outros países, fraudando eleições, assassinando, entre outras práticas. Comenta ainda que a proposta de derrubar Fidel Castro e invadir Cuba não deu certo porque John Kennedy não aprovou a proposta. Ele tinha sido enviado ao polo Sul para escoltar um grupo VIP e, quando retornou a Washington, soube do assassinato do presidente.

O mais estranho e revelador é que os jornais da Nova Zelândia noticiaram com 24h de antecedência o assassinato de Lee Oswald, segundo essa testemunha entrevistada. Somente depois é que os EUA noticiaram as suspeitas sobre Lee Oswald. O ex-funcionário do FBI comentou que as forças de segurança militar foram retiradas de Dallas no dia da morte de Kennedy, revelando um complô na cidade, pois o exército não estava nas ruas e não foram realizadas fiscalizações nos pontos por onde o carro do presidente passaria. O ex-funcionário renuncia ao cargo no Pentágono em 1964 e faz algumas perguntas: “Por que Kennedy foi assassinado? Quem se beneficiou? Quem tem poder para encobrir isto? Quem?”

Comenta ainda que a reestruturação de algumas práticas da CIA deveria ser repassada ao exército e que o chefe de Estado é que detém mais poder sobre essas ações. Essas propostas de Kennedy não foram implantadas por resistências burocráticas. A “Operação Mangusto” foi obra da CIA e montada na Universidade de Miami, o principal posto de atuação da CIA.

Diz ainda:

O fundamento de qualquer sociedade é a guerra. A autoridade do Estado sobre o povo reside no seu poder bélico. Kennedy ia acabar com a Guerra Fria. Queria se unir aos soviéticos na conquista espacial. Assinou um acordo com eles proibindo os testes nucleares. Recusou-se a invadir Cuba em 1962. E aceitava a retirada do Vietnã. Mas tudo isso terminou em 22 de novembro de 1963.

Segundo sua avaliação, houve um plano para assassinar Kennedy, um complotô por trás do qual estavam militares, petroleiros e indústria bélica. A testemunha recusa-se a falar no tribunal por temer a morte. O promotor reconhece que não tem poder nem provas para acusar os poderosos e visita o túmulo de Kennedy.

Jim começa a operação para prender os suspeitos de planejarem o assassinato de Kennedy. Quando questionado pelos jornalistas, ele responde:

Vale a pena conservar um governo que mente para o povo? O país está em perigo se não podemos confiar em ninguém nem contar a verdade. Só peço que se faça justiça, custe o que custar.

Cabe destacar a frequência de assassinatos de lideranças políticas nos EUA, uma sociedade que permite aflorar a relação ódio-violência, ainda mais ao se considerar a legislação que permite o armamento da população.

Em meio a todo esse processo, acompanhamos o assassinato do líder Martin Luther King. A família de Jim é assediada, e sua filha conversa no telefone com um possível sequestrador. Jim afirma para a mulher, que querem assustá-lo, mas que nada irá acontecer. Sua mulher quer sair de casa com os filhos. Eles brigam, mas o apoio de sua família é preservado.

Em reunião com seus assessores, o promotor comenta que a guarda nacional pediu que ele renunciasse ao cargo de promotor. Após confronto com Bill, integrante de sua equipe, Jim lhe pergunta se havia lido Shakespeare, Júlio César. Afinal, quem matou César? Após essa discussão, Bill sai da sala. Outro assessor, Lou, por discordar do promotor, também sai e pede demissão.

Jim participa de um programa de televisão e é censurado a todo o momento pelo apresentador. Bill encontra Jim no aeroporto e lhe avisa que ele será assassinado entre Nova York e Nova Orleans, mas ele despreza o boato; é cercado por policiais e outros indivíduos e consegue sair. Volta para casa e é recepcionado pela família.

Seus assessores estão em sua casa e lhe informam que Bill mudou de lado e que revelou tudo sobre a investigação aos federais, além de ter levado os memorandos e todo o material.

Jim assiste pela televisão o discurso do candidato Bob Kennedy à presidência e diz: “Ele nunca vai conseguir. Se ganhar vão matá-lo. Ele vai parar a guerra. Eles vão matá-lo antes que se torne presidente”.

Após a vitória em Chicago, como candidato do Partido Democrata, Bob Kennedy faz um discurso e é assassinado. Cenas na televisão: “O senador Kennedy foi baleado”. Jim entra no seu quarto e diz à mulher: “Eles o mataram. Ele ganhou, e eles mataram Robert Kennedy... Pela primeira vez sinto medo de verdade”.

Jim sobe as escadas do tribunal de justiça, junto com sua equipe, e é cercado por jornalistas que acompanham o julgamento de Clay Shaw. O julgamento começa e a família do promotor comparece para prestigá-lo. Ele projeta o filme de Zapruder, que fora realizado no momento do assassinato de Kennedy e confiscado. O filme não tinha sido visto antes porque permanecera trancado em um cofre, por cinco anos, no prédio Times-Life, em Nova York. A película prova que mais de uma pessoa participou do assassinato. Todos os assistentes do julgamento ficam chocados com o filme, ao reviverem o assassinato do presidente. Jim argumenta que o filme de Zapruder foi feito perto da colina e que também houve outro ferido, que passava debaixo da ponte de onde partiram os tiros. Dessa forma, retruca a Comissão Warren. O promotor reconstrói o cenário do atentado em uma maquete, com todas as testemunhas que presenciaram o assassinato do presidente. Na sua visão, ocorreu um golpe de Estado. Os médicos civis que iriam fazer a autópsia foram impedidos, e o corpo fora enviado para Washington, onde médicos militares a realizaram.

Retomando a referência anterior a Shakespeare, deve assinalar a permanente relação entre política-conspiração, golpe-assassinato. Neste sentido, a política é compreendida como o reino permanente dos conflitos. Na política está sempre presente tanto a possibilidade do “rei morto” quanto da violência sobre os cidadãos.

A sala de necropsia estava cheia de gente, médicos e homens do governo, que impediram que se realizasse um exame detalhado no corpo do presidente. Jim afirma que havia três equipes coordenadas para o complô e que se encontravam em vários pontos do local do assassinato. Também comenta o atentado contra Connally. Os atiradores fogem e deixam as balas e o rifle de Oswald no prédio. O promotor reconstrói a trajetória de Lee Oswald e chega à conclusão de que não havia condições de ele ter matado Kennedy. Em sua avaliação, Oswald era um bode expiatório e sendo morto para não denunciar a conspiração.

Segundo Jim:

O país inteiro, influenciado pela mídia, conclui que ele é culpado. O fantasma de JFK nos assombra com sua morte o sonho americano. Muitos documentos ajudariam a provar essa conspiração. Por que foram retidos ou queimados pelo governo? Que segurança nacional temos quando nos roubam nossos líderes? Que segurança nacional permite que se retire o poder básico do povo e aprova a ascensão de um governo invisível nos EUA? Essa segurança nacional tem o cheiro, o gosto e se parece com algo que chamamos de fascismo. JFK morreu por uma conspiração da alta cúpula do governo e executado por soldados frios disciplinados e fanáticos vindos das operações secretas do Pentágono e da CIA.

Ele finaliza seu pronunciamento citando uma frase de JFK:

Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer por ele. Não se esqueçam de seu rei morto. Mostrem ao mundo que este é um governo do povo, para o povo e pelo povo.

Os jurados consideram Clay Shaw inocente das acusações da promotoria, mas confirmam que houve uma conspiração no assassinato de Kennedy.

Em 1979, Richard Hemls, diretor de operações da CIA, admite que Clay Shaw também era agente da CIA. Em 1978, Jim Garrison é eleito juiz da corte estadual da Louisiana; reelege-se em 1988 e é o único a mover um processo sobre a morte de Kennedy. Os arquivos do assassinato de Kennedy ficarão fechados até 2029.

Lyndon B. Johnson, vice-presidente, também é considerado conivente e beneficiado com o assassinato de JFK, na avaliação de Oliver Stone.

O filme traz à possibilidade de se pensar a política no sentido positivo, por meio da figura de JFK e, também, a política como esfera do medo, da violência e do terror – aberta às imprevisibilidades.

Força Aérea Um (Direção: Wolfgang Petersen, 1997, EUA)

Sinopse: Ao visitar a Rússia, o presidente americano faz um pronunciamento de nunca ceder às exigências de terroristas. No discurso, ele critica o comportamento de seu país que, em virtude da burocracia e da diplomacia, assistiu passivamente um ditador do Cazaquistão explorar e matar o próprio povo, tendo posteriormente este mesmo ditador sido preso com a ajuda dos Estados Unidos. Quando o presidente volta para casa em companhia de sua família, alguns partidários do ditador assumem o controle do avião presidencial e exigem a libertação do líder deles. Caso contrário, matarão a mulher e a filha do presidente, que fica em um terrível dilema, pois se ceder

e negociar com os terroristas negará aquilo que pregou, enquanto se decidir não negociar poderá ver sua família ser assassinada. (Adorocinema)⁷.

Força Aérea Um ganha especial importância por abordar a fundamental estratégia norte-americana de combate ao terrorismo. Além do mais, em uma perspectiva geopolítica, o filme retoma a questão da instável relação gerada na Guerra Fria, entre os EUA e URSS.

O filme começa com uma cena impactante: paraquedistas invadem, de noite, o palácio presidencial do Cazaquistão, ex-colônia da URSS, matando todos os soldados que fazem a guarda presidencial. Entram no quarto do general Ivan Radek, que estava dormindo, e o levam, fugindo de helicóptero.

Três semanas depois, acompanhamos a realização de um jantar oferecido pelos russos aos americanos que haviam participado daquela missão contra o general Ivan Radek. O presidente russo faz um discurso e, logo em seguida, há o pronunciamento do presidente americano, James Marshall (interpretado por Harrison Ford), que discursa de improviso, afirmando que a política externa dos EUA, a partir daquele momento, não faria concessões e não negociaria com os terroristas. A equipe do presidente americano critica o comportamento do presidente, pois o discurso preparado era outro, mais neutro e comedido.

Ao terminar a cerimônia, o presidente sai com sua comitiva e embarca no avião presidencial Força Aérea Um. Um pouco antes, jornalistas russos que iriam acompanhar a viagem do presidente até Washington embarcam no avião. A assessora de imprensa recepciona a equipe e ciceroneia os russos a bordo.

O presidente viaja com sua mulher e filha, que o acompanharam naquela missão diplomática. O avião decola e, logo em seguida, um agente do Cazaquistão – infiltrado na equipe americana e se fazendo passar por americano – mata os seguranças do presidente, abre o armário das armas e dá um sinal para que os russos assumam o controle do avião. Os jornalistas russos verdadeiros haviam sido assassinados por esse grupo, formado por ultranacionalistas russos radicais do Cazaquistão. O grupo pretendia sequestrar o avião e o presidente norte-americano, em troca da soltura do general Radek, que se encontrava preso numa prisão na Rússia.

A viagem do presidente com a família aumenta a dramaticidade do filme, no momento de distensão e reatamento de relações diplomáticas com a Rússia.

O grupo assume o controle do avião Força Aérea Um e mata, além de vários seguranças, jornalistas e membros da equipe presidencial. Dois seguranças do

7 Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-10371/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

presidente levam-no para uma cápsula de fuga. Acompanhamos a conversa entre os pilotos e uma base aérea da Alemanha, combinando que o avião aterrissará naquele aeroporto. Vários jatos de caça norte-americanos acompanham a trajetória do avião, que não consegue aterrissar, pois os pilotos são mortos pelos terroristas.

Em Washington acompanhamos a reunião da vice-presidente (atriz Glen Close) com a equipe ministerial, os militares e o ministro da Defesa e da Segurança Nacional. Ela assume o comando das negociações com o líder dos partidários de Radek, interpretado por Gary Oldman, que já havia representado Lee Oswald – acusado de matar o presidente John Kennedy – no filme de Oliver Stone, em 1997.

Somos surpreendidos porque o presidente americano não entrou na cápsula de fuga e permanece no avião, pois planeja retomar o controle da situação. Entra em confronto com um dos sequestradores, pega a arma deste e as chaves para entrar na sala onde está a equipe presidencial. A filha e a mulher não se encontram na sala, pois estão com o líder dos sequestradores.

A vice-presidente americana telefona para o presidente russo Petrov, mas ele se recusa a soltar o prisioneiro. Ela então diz: “Uma nação não supera facilmente a morte de um líder”.

O presidente é o herói e é líder de uma nação. O importante papel da liderança é reforçado na fala da vice-presidente. Cabe, ainda, ressaltar o forte papel político que possui o poder executivo nos EUA. Verificou-se que os filmes em análise neste texto mistificam a personalidade presidencial.

A ação dos sequestradores visava à recomposição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Segundo o líder do atentado, eles queriam recuperar a Mãe Russa, demonstrando fé e amor e pregando a volta ao poder do comunismo. Lembremos que o filme retrata um novo período da geopolítica, quando então o muro de Berlim já havia sido derrubado e os países socialistas estavam em crise política, econômica e social.

O presidente consegue encontrar um telefone no bagageiro do avião e se comunica com a Casa Branca, ordenando que o avião presidencial fosse atacado por mísseis, como uma estratégia para desestabilizar o avião e a equipe dos sequestradores. Com o uso dessa estratégia, o avião fica com pouco combustível, e o sequestrador exige que seja abastecido em pleno ar. Numa manobra arriscada, envolvendo confrontos, vários reféns conseguem fugir do avião, de paraquedas.

O avião sobrevoa o espaço aéreo do Cazaquistão. O presidente se junta a sua família, e o sequestrador exige que ele negocie a soltura do general Radek. O presidente resiste em ligar, pois não quer negociar com os terroristas. O

sequestrador diz que então ele deve escolher quem morrerá: a filha ou a mulher. O presidente titubeia, e o sequestrador comenta: “É o que faz na Casa Branca, brinca de Deus. O homem mais poderoso do mundo não pode fazer tudo”.

Pressionado, o presidente liga para o presidente russo e pede a soltura do general do Cazaquistão. O presidente russo atende ao pedido e começa a negociação para libertar o general da prisão. Após a soltura do prisioneiro, todos os presos comemoram e cantam a Internacional Socialista, cena que é assistida pela equipe que está no avião presidencial, por meio de uma transmissão direta.

Após esse episódio, o presidente americano consegue se libertar e luta corporalmente com o principal líder dos sequestradores, que é atirado fora do avião, em pleno voo. O presidente desabafa: “Saia de meu avião”.

No imaginário dos americanos, o avião Força Aérea Um é o espaço do governo e lutar para mantê-lo sob a guarda do presidente é essencial para preservar a democracia. Afrontar o presidente e sua família é questionar os valores simbólicos da maior democracia do mundo.

Esta cena realça a figura do presidente quase como um dos super-heróis que proliferam no imaginário da sociedade norte-americana, naquela esfera da luta maniqueísta entre o bem e o mal.

O presidente russo é avisado de que já não precisa libertar o general Radek, e este é morto antes de embarcar em um helicóptero de resgate.

O presidente americano assume o controle do avião, guiado por um militar que se encontra na Casa Branca. O combate continua, pois seis MIG’S do Cazaquistão tentam derrubar o Força Aérea Um, mas são repelidos por aviões americanos. O avião presidencial é atingido. O resgate é feito por um helicóptero de guerra, acompanhado por centenas de americanos e pelos membros do governo que estão na Casa Branca. O falso agente americano e infiltrado pelo Cazaquistão permanece no avião e morre na queda, após o desastre que provocou a derrubada da aeronave. O presidente é o último passageiro a ser resgatado. Quando ele entra no helicóptero, comenta: “Liberty 4 agora é Força Aérea Um”.

Todos comemoram, e caças acompanham o avião de resgate do presidente.

Neste filme, o presidente americano se aproxima da imagem de um super-herói, pois consegue sozinho retomar o controle do avião presidencial, salvar sua família e reféns que estavam a bordo, além de manter sua posição política de não negociar com terroristas. A nova política de amizade e respeito com a Rússia é preservada.

A morte de George W. Bush (Direção: Gabriel Range, 2006, Inglaterra)

Sinopse: O presidente norte-americano George W. Bush está em Chicago para discursar para o empresariado local. Uma multidão indignada o recebe com uma manifestação contra a guerra. Os seguranças e policiais se esforçam para conter a situação. Mas, com seu discurso concluído, Bush insiste em encontrar seus partidários na recepção do hotel onde está hospedado. De repente começa um tiroteio e o presidente é atingido. Um pandemônio se instala e Bush é levado às pressas para o hospital, onde morre 5 horas depois. (Adorocinema)⁸

Na avaliação da crítica de cinema Angélica Bito, o filme cria um novo formato de documentário, aquele que mescla a realidade factual com uma suposição fictícia:

A ideia de *A morte de George W. Bush* é genial: fazer um *mockumentário* (como são chamados os documentários falsos, como o recente *Borat*) sobre o que aconteceria caso o atual presidente norte-americano George W. Bush fosse assassinado, teoria nada absurda se contarmos a relação negativa que o governante da nação mais poderosa do mundo tem recebido por comandar desde 2003 uma invasão ao Iraque (Cineclick)⁹.

A primeira cena do filme mostra um letreiro que diz: “As pessoas e as organizações que aparecem neste filme ficcional, incluindo a Casa Branca, o governo dos Estados Unidos ou a polícia de Chicago não têm associação com o filme ou seus produtores e tampouco aprovaram este conteúdo”.

O filme é construído com *fake news*, antecipando a atual onda de notícias falas. No filme o presidente George W. Bush é assassinado e a construção da narrativa valoriza o confronto e o ódio, perceptível nas manifestações de rua contra o presidente.

Data de 19 de outubro de 2007, aeroporto de Chicago. Seguranças esperam a chegada do presidente George W. Bush, que irá se encontrar com empresários. Ouve-se que várias manifestações estão sendo preparadas contra o presidente após a invasão do Iraque pelos Estados Unidos.

O presidente Bush, em cena de arquivo, desce as escadas do avião. Agente de segurança comenta sobre o trabalho que esses setores têm antes de qualquer viagem do presidente.

8 Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-118955/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

9 Disponível em: <<http://www.cineclick.com.br/falando-em-filmes/criticas/a-morte-de-george-w-bush>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

As manifestações começam e ouvimos os cidadãos de Chicago gritando: “Nós odiamos Bush, nós odiamos Bush”.

Os agentes de segurança fazem uma rota alternativa e conseguem dispersar os manifestantes, chegando enfim ao Sheraton Hotel com o presidente. Os manifestantes são agredidos pela polícia, que tentava impedir que o grupo se aproximasse de Bush.

Ouvem-se vozes dos manifestantes: “Parem a matança. Parem os bombardeiros! Parem a tortura! E parem de falir nossas comunidades para pagar uma guerra baseada em mentiras!”.

O discurso que George W. Bush faz para empresários no Clube Econômico de Chicago é sobre a economia americana.

Todo o filme é entrecortado por depoimentos e entrevistas de membros do governo Bush e das Forças Armadas e policiais que faziam parte da escolta e da segurança do presidente.

Segundo um dos militares que prestava depoimento:

Existe uma nova raça de anarquistas. São aqueles que têm a mentalidade de que vale tudo. É triste, mas a única forma de lidar com eles é com a força bruta.

Fala dos manifestantes: “Sem justiça, sem paz! Dane-se a polícia!”.

Enquanto Bush discursa para os empresários, manifestantes cercam o hotel Sheraton e gritam: “Nós não queremos guerra! O presidente Bush foi à guerra!”.

Quando Bush está saindo do hotel, recebe um tiro no peito e logo é removido para o hospital. Policiais cercam o hotel, mas agentes de segurança não conseguem pegar o suspeito. Câmeras de segurança recuperam vários momentos antes do tiroteio, em ruas vizinhas ao hotel. Esta cena tipifica o que vem a ser um documentário que se transforma em ficção política.

Prendem Frank Molini, ativista ambientalista, para averiguação, além de outras pessoas consideradas suspeitas, como um imigrante clandestino que não tinha visto de permanência nos EUA e também um sírio que havia prestado serviço militar na Síria.

Os inimigos são demarcados: é o ativista ambientalista, o refugiado e o imigrante. Estes fatos reais extremamente relevantes na sociedade norte-americana ganham grande contundência quando associados a suposições ficcionais políticas.

Bush morre em 10 de maio de 2008, e seu vice, Dick Cheney, assume a presidência dos EUA, exigindo explicações e maiores informações sobre o sírio preso como suspeito de matar o presidente Bush.

Bashar al-Assad, presidente da Síria, é acusado por um sírio dissidente de patrocinar e incentivar assassinatos de lideranças políticas no Oriente Médio, bem como nos EUA e na Europa. Segundo os telejornais mostrados no filme, Cheney tinha uma obsessão: derrubar Bashar al-Assad.

O presidente Cheney quer controlar a política americana. O Congresso Nacional, em sessão fechada, decide aprovar uma emenda ao Ato Patriótico, que é ampliado: “O poder do FBI para prever e prevenir atos de terrorismo e melhorar a segurança para oficiais federais”.

O funeral do presidente George W. Bush, criado pelo filme, é realizado após dez dias de seu assassinato. Cenas com bandeiras, hinos, carro fúnebre são destaque. O povo acompanha de longe o cortejo. O presidente Cheney ressalta as qualidades do presidente morto:

Caros cidadãos, nessa vigília de luto nacional, nós mostramos quanto os EUA amavam esse bom homem. E como sentiremos falta dele. Havia um traço de bondade, simplicidade e bondade que marcaram todos os anos de sua vida. O espírito alegre que o fez avançar era mais do que uma disposição. Era o otimismo de uma alma fiel que acreditava nos desígnios de Deus e sabia que eles eram corretos e verdadeiros.

Uma cena é marcante após a missa de corpo presente de Bush. Aparece a cidade de Chicago com mesquitas, prédios em volta e árabes circulando pelas ruas. Mulher árabe dá um depoimento sobre treinamento de homens para ataques terroristas e fala que Jamal Abu Zikri, nome correto do seu marido, foi aliciado obrigatoriamente pela organização terrorista Al-Qaeda. O governo americano acusa esse homem de ter matado o presidente Bush, com base em uma digital parcial. Ele é julgado e condenado pelo assassinato do presidente. A cena do tribunal parece real, com todas as características de um julgamento. Os muçulmanos são retratados com fanáticos e assassinos.

Várias pessoas, ligadas a movimentos sociais e organizações políticas, assumem o assassinato de Bush, que era criticado, principalmente, pela guerra contra o Iraque e pelas mentiras contadas ao povo americano e ao mundo, de que o presidente Saddam Hussien possuía armas químicas.

Posteriormente, as investigações apontam Aloysius Claybon, um soldado americano que havia lutado no Iraque, como assassino de Bush, mas, a essa altura, Zikri já está preso e acusado do crime. O filho de Claybon afirma que seu pai havia planejado a morte de Bush.

O entrevistado do *staff* do presidente Bush afirma: “Pessoas disseram que o ódio demonstrado naquele dia deu ao assassino permissão para atirar em Bush”.

Cena de manifestantes ao fundo, com os rostos cobertos, com cartazes de posicionamento contra Bush.

O entrevistado ainda comenta que:

Sob o poder garantido pelo Patriota III, mantivemos uma constante supervisão de e-mails e telefonemas de cada grupo de manifestantes com relação a esse assunto.

A mulher de Zikri considera que a prisão e a acusação contra seu marido foram um ato político e que será difícil ele sair da prisão, pois sempre encontrarão uma justificativa para mantê-lo preso.

A cena final é do filho de Aloysius Claybon caminhando pelo cemitério.

Este “mockumentário” tem a qualidade de amplificar os conflitos que passam a sociedade norte-americana e, além do mais, indicando uma distopia futura.

Algumas observações finais

Com exceção do filme *Força Aérea Um*, que é uma ficção, mas que retrata a conjuntura política daquele momento histórico de queda do Muro de Berlim e da busca de acordos políticos com a Rússia, os outros filmes podem ser considerados documentários, já que reconstroem determinados fatos políticos da realidade política dos Estados Unidos.

O filme *JFK – A pergunta que não quer calar* realizou a reconstrução histórica do assassinato de Kennedy e, para tanto, contou com documentários, filmes e cenas da época. O empenho de um promotor em descobrir os assassinos do presidente provocou agências governamentais, como a CIA e o FBI, gerando desconfianças e críticas aos empresários ligados à indústria bélica e à própria estrutura governamental, incluindo o vice-presidente Lyndon Johnson. Oliver Stone sugere no filme que o assassinato de JFK foi obra de um complô, envolvendo, inclusive, o vice-presidente Lyndon Johnson.

Por sua vez, o filme *O assassinato de Richard Nixon* explorou o ódio despertado por esse governante em determinados setores da população americana, que acompanharam um governo marcado por crise econômica e política, como o caso Watergate e a participação dos americanos em guerras, como a do Vietnã.

O filme *A morte de George W. Bush* é uma combinação perfeita de ficção e documentário. Bush não sofreu nenhum atentado e não foi assassinado, na realidade. O filme preserva a estrutura de documentário ao fazer uso de acervos e entrevistas em que o então presidente esteve presente. Os depoimentos dos

atores, que representavam assessores e o *staff* administrativo do presidente, são convincentes e favorecem a ideia de que se fez um documentário.

Em nossa avaliação, existe uma relação ambígua – de amor e ódio – presente nos filmes produzidos nos EUA sobre essa temática. A produção cinematográfica americana privilegia filmes de ação, prevalecendo o espetáculo, em detrimento da reflexão. O heroísmo do presidente, os embates entre os bons políticos e o “bandido”, o mocinho e o “terrorista”, são ressaltados nos filmes, prevalecendo uma visão maniqueísta da política.

De forma geral a imagem do poder presidencial nos filmes analisados dissemina a aura personalista que perpassa o imaginário da sociedade norte-americana. Mesmo que os poderes legislativo e judiciário tenha enorme função de controle, a política é construída na cultura centrada na liderança pessoal do presidente. Este sujeito político tem seu poder amplificado por meio do círculo militar que funciona como uma garantia de sobrevivência do líder político.

Referências

- CALVO, Enrique Gil. *El miedo es el mensaje – riesgo, incertidumbre y medios de comunicación*. Madrid, Alianza Editorial, 2003.
- CHAIA, Vera. Eleições no Brasil: o medo como estratégia política. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.) *Eleições presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política*. São Paulo, Hacker Editores, 2004.
- _____. Política e cultura do medo. In: GOUVEIA, Eliane; BALTAR, Ronaldo; BERNARDO, Teresinha. *Ciências Sociais na atualidade: temáticas contemporâneas*. São Paulo, Educ/Capes, 2011.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre uma sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2000.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente – 1300-1800*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- _____. Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo, Senac, 2007.
- GLASSNER, Barry. Introdução. In: *Cultura do medo – por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos*. São Paulo, W11 Editores, 2003, pp. 11-45.
- HOBBS, Thomas. *O Leviatã*. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1974.
- KEHL, Maria Rita. Elogio do medo. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo, Senac, 2007.
- MAXWELL, Keneth. Novo terrorismo é incontrolável. Entrevista a Maurício Santana Dias. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, Caderno Especial, 13 Setembro 2002, p. 19.

- NICOLETTI, André Ulysses. Produção jornalística sobre o terrorismo: construção e uso de um conceito. Monografia, Ciências Sociais, PUC-SP, 2006.
- SARTORI, Giovanni. Homo Videns – la sociedad teledirigida, Taurus Pensamiento, Madrid, 1998.
- VIEIRA, João Luiz. A construção do medo no cinema. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo, Senac, 2007.
- WAINBERG, Jacques. *Mídia e terror – comunicação e violência política*. São Paulo, Paulus, 2005.
- WELLAUSEN, Saly da Silva de. Terrorismo e os atentados de 11 de setembro. *Tempo Social*. São Paulo, v. 14, n. 2, Outubro 2002.
- VIRILIO, Paul. *Ciudad pánico – El afuera comienza aqui*. Buenos Aires, Libros Del Zorzal, 2006.
- FILMES analisados
- A morte de George W. Bush* (direção: Gabriel Range, 2006, Inglaterra).
- O assassinato de Richard Nixon* (direção: Niels Mueller, 2004, EUA/México).
- FORÇA Aérea Um* (direção: Wolfgang Petersen, 1997, EUA).
- JFK – a pergunta que não quer calar* (direção: Oliver Stone, 1991, EUA).

Recebido em: 04/01/2018

Aprovado em: 20/03/2020

Como citar este artigo:

- CHAIA, Vera Lucia Michalany. Lideranças políticas: representações de atentados e assassinatos no cinema norte-americano. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 1, jan.- abril 2020, pp. 155-179.

